



Alfredo Gaspar, o vice de última hora para Flávio

Pré-candidato falava em uma mulher para o posto, mas anuncia o deputado federal

» DANANDRA ROCHA

Depois de semanas de negociações em busca de uma mulher para ser vice em sua chapa, o pré-candidato à Presidência pelo PL, Flávio Bolsonaro, anunciou, ontem — último dia do prazo para realização das convenções partidárias —, um homem do próprio partido para a função, o deputado federal Alfredo Gaspar (AL). O parlamentar foi relator da CPI do INSS e pediu a prisão de Fábio Luís da Silva, o Lulinha, filho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“A pessoa que tem que ser o meu vice é aquele vice que não volta para a cena do crime e dá mão para o criminoso. Então, tenho muita honra de anunciar aqui Alfredo Gaspar”, declarou Flávio.

A escolha de Gaspar representou uma mudança na estratégia inicial da campanha. A prioridade era encontrar uma vice mulher. O nome mais desejado por Flávio era o da senadora Tereza Cristina (PP-MS), considerada uma peça capaz de agregar o agronegócio, ampliar o diálogo com o Congresso e aproximar a candidatura de setores mais moderados da direita. A tentativa, porém, esbarrou na decisão do PP de manter neutralidade na disputa presidencial.

Além de Tereza Cristina, outros nomes femininos chegaram a ser avaliados, entre os quais Priscila Costa (PL-CE), Bia Kicis (PL-DF) e Júlia Zanatta (PL-SC).

A dificuldade para fechar uma composição externa ao partido foi ampliada pela posição adotada por legendas que eram consideradas estratégicas para a campanha. Além do PP, o Republicanos decidiu não apoiar oficialmente nenhuma candidatura presidencial. O União Brasil, o MDB e a federação progressistas também eram apontados como caminhos possíveis para uma aliança mais ampla, mas as negociações não avançaram.

Com a ausência de uma legenda

Ed Alves/CB/D.A Press



Gaspar para Flávio durante o anúncio: “Sou o seu soldado, sempre leal e pronto para servir”

Saiba mais

Pedido de investigação

O deputado Alfredo Gaspar é alvo de um pedido da Polícia Federal, feito ao Supremo Tribunal Federal (STF), para investigar a denúncia de estupro de vulnerável contra o parlamentar. A representação à corporação foi feita pelo deputado Lindbergh Farias (PT-RJ) e pela senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS). O procedimento tramita sob sigilo e em fase preliminar.

Procurada pelo **Correio**, a assessoria de Gaspar negou a acusação e

afirmou que o deputado é alvo de uma ofensiva política. Na época em que a denúncia veio à tona, durante a CPI do INSS, a defesa sustentou que um exame de DNA afastou a hipótese de paternidade da criança mencionada na representação e que foram adotadas medidas judiciais para responsabilizar os autores da representação.

Outro episódio diz respeito à fiscalização de recursos destinados por Gaspar ao município de São José da Laje (AL) por meio das chamadas

“emendas Pix”. Ainda durante a repercussão inicial do caso, a assessoria do deputado divulgou uma nota, reenviada novamente ontem ao **Correio**, na qual afirma que ele não é investigado no procedimento que tramita nos órgãos de controle.

A assessoria afirma que as emendas foram destinadas “de forma regular” e que a responsabilidade pela execução dos recursos e pela prestação de contas é exclusiva da Prefeitura de São José da Laje.

Marinho, entre outros.

Apesar de não ter comparecido ao evento, Michelle Bolsonaro se manifestou pelas redes sociais após o anúncio da chapa. Em publicação, desejou sucesso à composição.

No discurso, Gaspar afirmou que assume a candidatura como “um soldado do Nordeste” e prometeu lealdade durante toda a campanha. “Eu sou o seu soldado. Estarei como para-choque, na retaguarda, sempre leal e pronto para servir”, disse.

Costa Neto afirmou que Gaspar havia sido escolhido há meses. A declaração buscou apresentar a escolha como uma decisão planejada pelo partido. “Escolhi o Alfredo há seis meses. Isso que eu não entendi, como não vazou. É impressionante”, declarou. De acordo com o dirigente, desde o início das conversas, orientava Flávio a preservar a informação. “Eu falava para eles: ‘Pelo menos fala para o Alfredo não falar nada. Isso não pode vazaz. Vamos levar isso até o final’”.

Escolha na medida para as pretensões de Lira

» ALÍCIA BERNARDES

A escolha do deputado federal Alfredo Gaspar (PL-AL) para vice na chapa de Flávio Bolsonaro (PL) provocou uma reconfiguração no tabuleiro político de Alagoas. Ao deixar a disputa por uma das duas vagas ao Senado, ele abre espaço para que o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) encontre um caminho menos competitivo entre o eleitorado conservador, ao mesmo tempo em que cria condições para uma nova rodada de negociações entre lideranças do estado visando as eleições de outubro.

Antes da definição da chapa presidencial, Gaspar era apontado

como um dos principais nomes da direita para o Senado e disputava diretamente o mesmo segmento com Lira. Com sua saída da corrida estadual, interlocutores avaliam que o ex-presidente da Câmara passa a ter maior margem para consolidar sua candidatura. Nos bastidores da política alagoana, a leitura predominante é de que a mudança reduz a fragmentação do campo conservador e favorece uma reorganização das alianças locais.

A decisão também diminui um dos principais pontos de tensão entre Lira e o ex-prefeito de Maceió João Henrique Caldas, o JHC (PS-DB). O lançamento simultâneo das pré-candidaturas de Lira e Gaspar

ao Senado havia estreitado o espaço político para que o grupo de JHC participasse da composição da chapa majoritária. Com apenas um dos nomes permanecendo na disputa, dirigentes enxergam maior possibilidade de retomada do diálogo entre os dois grupos, ainda que nenhuma negociação tenha sido oficializada.

Integrantes da direita afirmam que a indicação de Gaspar foi construída levando em conta tanto a estratégia nacional quanto os reflexos em Alagoas. “Flávio foi estratégico. Gaspar é bom, e vamos conseguir tirar o Brasil das mãos de Lula e Lulinha”, afirmou ao **Correio** uma fonte ligada ao campo conservador.

Embora Lira não tenha confirmado participação nas articulações que culminaram na escolha do vice, interlocutores próximos sustentam que a nova configuração fortalece sua posição política no estado e reduz um dos principais obstáculos à sua campanha.

Um integrante do governo, ouvido pelo **Correio**, afirmou que a definição da chapa de oposição não altera a estratégia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em relação às investigações envolvendo seu filho, Fábio Luís Lula da Silva. “Não adianta usar algo que o presidente já deixou bem claro que está nas mãos da Justiça e, se tiver algo, Fábio irá resolver sozinho”, disse.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Trump pode ser um tiro pela culatra

“O Brasil não é para principiantes.” Atribuída ao compositor e maestro Tom Jobim, a frase serve como uma luva para Marco Rubio, secretário de Estado norte-americano e principal arquiteto da mudança de orientação dos Estados Unidos para a América Latina. A política de pressão concebida em Washington pretende enfraquecer o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas pode ser um tiro pela culatra.

Até agora, deu a Lula a oportunidade de transformar a crise diplomática numa disputa em defesa da soberania nacional. O tarifaço contra produtos brasileiros, os contatos de integrantes do governo Trump com aliados de Flávio Bolsonaro, a tentativa de enviar funcionários do Departamento de Estado para discutir a integridade das urnas e a revogação do visto da embaixadora Maria Luiza Ribeiro Viotti são iniciativas consideradas ingerências nas eleições deste ano pelo Palácio do Planalto. Washington condiciona a restauração do visto de Viotti à aprovação de Daniel Perez como embaixador dos Estados Unidos.

Nenhuma dessas medidas, isoladamente, decide uma eleição. Juntas, porém, permitem que Lula apresente o confronto como uma disputa entre os objetivos nacionais e uma potência estrangeira interessada no resultado das urnas. Ocupa o lugar institucional de chefe de Estado agredido por pressões externas, enquanto Flávio Bolsonaro corre o risco de ser associado a uma articulação internacional contra seu próprio país.

Trump e Rubio talvez tenham subestimado a complexidade da política brasileira. A pressão externa costuma estimular reações nacionalistas. Lula mobiliza a militância de esquerda, busca apoio de setores democráticos e de eleitores moderados. Quanto mais explícita e truculenta for a tentativa norte-americana de influenciar o processo eleitoral, maior será a possibilidade de Lula se apresentar como defensor da autonomia do país. Entretanto, se a condição de vítima o favorece, o santo é de barro. Lula precisa calibrar suas reações para não agir com soberba e irresponsabilidade.

A Casa Branca promove a reorganização da direita latino-americana. Marco Rubio procura consolidar um eixo conservador no continente, conter a presença econômica da China e apoiar governos identificados com a agenda de Trump. No Cone Sul, Javier Milei tomou-se a principal expressão desse movimento. Sua participação no lançamento da candidatura de Flávio Bolsonaro, em São Paulo, e os ataques feitos a Lula e ao ministro Alexandre de Moraes provocaram uma deterioração sem precedentes nas relações entre Brasil e Argentina.

A América Latina não é um tabuleiro no qual Washington movimentaria aliados sem provocar reações locais. O conflito fortalece a narrativa oficial de que existe uma frente internacional empenhada em derrotar o governo brasileiro, mas também gera críticas da oposição à diplomacia brasileira. Jogar na defensiva não é vergonha para o Itamaraty. Brasil e Argentina compartilham fronteira, comércio, cadeias produtivas e o Mercosul. Milei pode mobilizar sua base atacando Lula, mas não pode romper os vínculos econômicos entre os dois países sem impor custos à própria Argentina.

Resiliência

Trump dispõe de instrumentos poderosos, principalmente o acesso ao mercado norte-americano, as sanções e as tarifas. Ainda assim, poder econômico não se converte automaticamente em influência eleitoral. A pesquisa Genial/Quaest divulgada ontem mostra essa ambivalência. Lula continua na liderança, com 39% contra 30% de Flávio Bolsonaro no primeiro turno e 44% a 39% no segundo. Entretanto, o senador recompôs parte da unidade da direita, reduziu a rejeição e aumentou a convicção de seus eleitores.

Mas a reconciliação com Michelle Bolsonaro e a reação às restrições judiciais para visitar o pai contribuíram mais para sua recuperação do que o confronto de Lula com os Estados Unidos. O outro lado da moeda são os limites dos dividendos nacionalistas. Em julho, 51% consideravam que ele defendia melhor o Brasil, contra 34% que apontavam Flávio. Agora, a diferença caiu de 17 para oito pontos: 46% a 38%.

Ao mesmo tempo, a avaliação da resposta do governo ao tarifaço passou de um saldo positivo de três pontos para um saldo negativo de cinco: 43% consideram que Lula reagiu mal e 38%, bem. Portanto, a pressão de Trump continua favorecendo a narrativa do presidente, mas a administração efetiva da crise já começa a ser cobrada. Será uma corrida contra o tempo mitigar os efeitos negativos da crise diplomática até as eleições.

A grande incógnita é o impacto econômico das tarifas. O comércio com os Estados Unidos representa cerca de 2% do PIB brasileiro, proporção que permite ao governo sustentar que o país dispõe de escala, mercado interno, reservas internacionais e parceiros comerciais suficientes para absorver o choque.

A diversificação das exportações, principalmente em direção à China, à União Europeia e aos demais países do Sul Global, reduz a capacidade de Washington estrangular a economia brasileira. Essa resiliência macroeconômica, entretanto, não elimina os prejuízos para empresas exportadoras, cadeias industriais integradas aos Estados Unidos e regiões dependentes de determinados produtos de exportação. Isso repercute eleitoralmente nos setores e nos estados mais atingidos.

FAÇA
FACULDADE
SENAC

GRADUAÇÃO
E PÓS É AQUI!

FAÇA
GIGANTE

Aulas na Asa Sul,
Asa Norte e Taguatinga.

Até **20%** de desconto
por tempo limitado

A partir de
R\$ 269,20/mês

Matricule-se já!

www.df.senac.br
(61) 3771-9800

A ÚNICA COM IA
EM TODOS OS CURSOS

senac
Fecomércio
Sesc